

GREVE PELO BRASIL



**"A única luta que se perde
é a que se abandona"**

José Mujica

2015 O ANO QUE NÃO TERMINOU

A greve de novembro de 2015 foi muito mais do que uma disputa capital-trabalho. Foi um movimento político de defesa da soberania nacional, de contestação ao modelo econômico recessivo e de enfrentamento aos grupos internacionais que tentam se apossar do petróleo brasileiro.

A Petrobrás e as reservas do Pré-Sal estão no centro da crise política e econômica, que se intensificou após o resultado das eleições de 2014, com a ascensão do conservadorismo e as tentativas golpistas de aniquilação do governo popular democrático.

O sistema de partilha passou a ser duramente atacado no Congresso Nacional, com uma série de projetos de Lei do PSDB e do DEM que visam retirar do Estado brasileiro o controle sobre a mais promissora reserva de petróleo da atualidade.

A Petrobrás, cujos investimentos gerados respondiam por 13% do PIB, passou a ser ainda mais atacada, vítima de uma campanha sórdida de desmoralização, após a descoberta do condenável esquema de corrupção, que agia na empresa desde o governo Fernando Henrique Cardoso.

Disputada pelos entreguistas e fragilizada pela crise internacional que derrubou os preços do petróleo, a estatal

deixou de cumprir o seu papel de indutora do desenvolvimento nacional e passou a ser gerida para atender ao mercado. O Plano de Negócios e Gestão 2015-2019 reduziu drasticamente os seus investimentos e colocou à venda ativos estratégicos, penalizando os trabalhadores e o povo brasileiro com medidas inaceitáveis.

Ao longo de todo o ano de 2015, os petroleiros cumpriram o seu papel de guardiões da Petrobrás e do Pré-Sal, mobilizando os movimentos sociais e as forças progressistas em torno de uma Pauta pelo Brasil. O recado foi dado na histórica plenária de julho, com a acertada e corajosa deliberação de que a luta pela soberania estaria acima de qualquer questão corporativa.

Vinte anos após a emblemática greve de maio de 1995, a categoria voltou a ser vanguarda nas lutas da classe trabalhadora. Os petroleiros deixaram a sua marca em 2015, com um movimento eminentemente político e ideológico, que garantiu aos trabalhadores o fato inédito de disputarem os rumos da maior empresa nacional. Essa é uma luta que só está começando e que se intensificará em 2016, com novas batalhas contra o retrocesso.



Luta inspirada e

Toda vez que a Petrobrás e a soberania estiveram sob ameaça, os petroleiros reagiram, assumindo a linha de frente de batalhas históricas, como a de maio de 1995, quando enfrentaram os desmandos de Fernando Henrique Cardoso e paralisaram por mais de 30 dias as principais refinarias. A maior greve feita pela categoria impediu a privatização da empresa e agora, 20 anos depois, os petroleiros retomaram essa luta, em um dos momentos mais difíceis da história da Petrobrás e do país.

A greve de novembro colocou em xeque os gestores da empresa que fazem o jogo do mercado e apontou para os setores organizados da sociedade que os trabalhadores têm propostas e alternativas para a recuperação da Petrobrás e não assistirão calados aos entreguistas que se aproveitam da crise para se apossarem do maior patrimônio do povo brasileiro.

Assim como em 1995, os petroleiros assumiram a vanguarda desse enfrentamento, inspirados na greve que duas décadas atrás transformou-se em símbolo de resistência para toda a classe trabalhadora, e deixaram novamente a sua marca na história contemporânea das lutas sociais do país.



Uma pauta pelo Brasil

A greve de novembro fez a Petrobrás reconhecer a Pauta pelo Brasil, onde a FUP e seus sindicatos propõem alternativas para a empresa enfrentar a crise, de forma a garantir a manutenção dos ativos, preservar empregos e retomar a sua função desenvolvimentista.

Pela primeira vez na história da categoria, os petroleiros disputarão os rumos da Petrobrás, a partir de propostas que têm por foco a retomada dos investimentos estratégicos e a manutenção da empresa como um sistema integrado.

A luta continua no Grupo de Trabalho técnico e paritário que construirá um



Foto: MAB

relatório para a direção da Petrobrás, com base nessas propostas, e na disputa diária no Congresso Nacional e na

sociedade para garantir a soberania na exploração do Pré-Sal, através da manutenção do regime de partilha.

m maio de 1995

A greve pelo olhar de quem viveu os dois movimentos

Foto: Diego Villamarim

“As motivações da greve de 2015 foram tão importantes quanto as que desencadearam o movimento de 95. Por isso, eu acredito que essa greve foi fruto de uma certa maturidade do movimento sindical petroleiro, não só dos mais experientes, mas dos jovens que estão iniciando a vida à frente de direções sindicais, inclusive da nova geração petroleira, que deve ter oito ou nove anos de empresa e nunca havia feito uma greve tão longa”, declara José Genivaldo Silva, um dos petroleiros que participou da ocupação da Refinaria Presidente Bernardes (RPBC), em maio de 1995.

Por conta dessa luta, ele ficou nove anos demitido e só voltou para a Petrobrás após ser anistiado, em 2003, no início do governo Lula. “Vinte anos se passaram, tivemos de fazer outra greve, basicamente pelos mesmos motivos que antes. Nós, os mais velhos da categoria, achamos que existiriam dificuldades de adesão de grande parte da nova geração



de petroleiros nessa greve e fomos surpreendidos pela efetiva e forte participação da juventude”, revela.

Ao falar da greve, Silva se emociona ao comparar os dois momentos que viveu. “É lógico que a emoção de fazer uma greve dentro de uma base ocupada é muito mais forte do que acompanhar do lado de fora, mas participar do comando também é interessante do ponto de vista da possibilidade de enxergar a greve e a categoria como um todo. Quando eu estava em Cubatão, enxergava

somente a nossa realidade e me esforçava na resistência, para que a greve saísse forte e vitoriosa lá. Agora, comandando de fora, foi preciso olhar as particularidades de cada estado, de cada base, então é um pouco mais complicado de avaliar”, explica.

Para Silva, a greve de 2015, além de vitoriosa, encerra um ciclo em sua vida de sindicalista. “Foi uma grande vitória realizarmos uma greve diante da atual conjuntura econômica, onde a crise do petróleo está em todo mundo, e ainda por

cima conseguirmos debater a Pauta pelo Brasil e garantirmos a manutenção do atual ACT. A minha gratidão pela oportunidade de protagonizar esse movimento não é só pelo fato de fazer a greve por fazer, porque isso não é da natureza do sindicalista. Porém, quando ela tem de acontecer e termina vitoriosa, aí, sim, é muito gratificante todo esforço e trabalho feito. Fico feliz em poder finalizar o meu mandato na FUP e me aposentar na Petrobrás com uma greve tão importante quanto à de 95”.

Diferentes gerações

Foto: Gustavo Marsaioli



Ao lado de petroleiros que foram demitidos, punidos e perseguidos em 1995, milhares de trabalhadores recém ingressos no Sistema Petrobrás viveram a experiência de realizarem sua primeira greve por uma pauta essencialmente ideológica, que apontou para o mundo que a categoria não é movida pelo corporativismo, como muitos pregam por aí. A juventude assumiu bravamente esse legado de luta e resistência herdado das gerações anteriores e deixou sua marca nessa greve.

“Essa foi uma greve, sem dúvida alguma, histórica, pois pela primeira vez a categoria fez uma greve não por questão econômica, mas para defender os investimentos da Petrobrás, defender empregos e impedir a privatização da empresa. Os jovens petroleiros foram batizados no movimento e aprenderam com essa greve o que é um enfrentamento como nós tivemos em 1995. Esses trabalhadores novos e a antiga geração, juntas, construíram um movimento histórico, que coloca essa categoria em um patamar acima de muitas outras em relação à consciência política”, declara Paulo César Martin, diretor da FUP e do Sindipetro-BA, um dos demitidos na greve de 95 e reintegrado em 2000.



Tal pai, tal filho



O técnico de manutenção Douglas de Faria, 31 anos, foi um dos grevistas da P-51, na Bacia de Campos. Com nove anos de Petrobrás, ele carrega literalmente no sangue o DNA petroleiro, já que seu pai também foi funcionário da empresa e um dos protagonistas da greve de maio de 1995, quando ele tinha apenas 11 anos de idade. “Por conta daquela greve e de muitas outras lutas, a minha geração teve a oportunidade de trabalhar na Petrobrás”, orgulha-se Douglas.

Em 2013, ele já havia participado da greve contra o leilão de Libra, mas entende que a paralisação de novembro de 2015 foi um divisor de águas na categoria. “O grande legado deste movimento

es, o mesmo ideal

Foto: Heron Barroso



“Quem quer um mundo diferente, precisa fazer a diferença”

será a conscientização do petroleiro de que a nossa participação dentro do processo de decisão da empresa é fundamental”, revela.

Ele ressalta o orgulho de poder dar continuidade a uma luta que várias outras gerações de petroleiros travaram e que não é só da categoria e sim de todos os brasileiros. “A luta é sempre em defesa da Petrobrás, desde quando decidimos, em 1953, que o petróleo tinha que ser nosso, diferentemente do ouro, da prata, da cana de açúcar e até do findado Pau-Brasil, que passaram para mãos de outras nações. Temos consciência que, mesmo em um momento de crise, como este, representamos uma categoria que todo o país se orgulha”, declara.

Com apenas cinco anos de Petrobrás, Aline Benatto, 30 anos, sabe muito bem de que lado está nos enfrentamentos do dia a dia. “Desde que entrei na empresa, participo das mobilizações do Sindicato, pois acredito na causa. Como mulher petroleira, senti muito orgulho em participar do movimento, pois apesar de sermos minoria, a adesão das mulheres foi grande nessa greve”, revela.

Técnica química da Repar, Aline participou ativamente das atividades do sindicato durante a greve, incentivan-



do os colegas receosos com a pressão e o assédio dos gerentes. “Não adianta ficar reclamando que temos pro-

blemas de saúde, segurança, educação ou que a sociedade é indiferente, que ninguém faz nada, se quando chega a tua vez, você prefere fingir que o problema não é teu, que a causa é justa, mas que prefere ficar na tua. Quem quer um mundo diferente, precisa fazer a diferença. Por isso, agradeço os meus colegas que tiveram a honestidade e se mantiveram firmes com a categoria, mesmo quando discordavam da greve. É por pessoas como estas que vemos que vale a pena estar lá”, declara.

Movimentos sociais na linha de

A greve dos petroleiros contou com a solidariedade dos movimentos sociais, da CUT, da CTB e de diversas entidades sindicais que participaram dos atos e piquetes nas portas das unidades do Sistema Petrobrás. No dia 13 de novembro, mais de 500 militantes do MST chegaram a ocupar o Ministério das Minas e Energia, em defesa da estatal, do Pré-Sal e da greve dos petroleiros. Nesse mesmo dia, a Frente Brasil Popular realizou uma série de atos nas principais capitais do país, onde um dos eixos foi também a solidariedade à luta da categoria.

Desde o início da greve,

Foto: Heron Barroso



mais de 40 organizações populares assinaram uma carta aberta à população, cobrando apoio ao movi-

mento, onde ressaltaram que "a greve dos petroleiros é justa e necessária, é para o bem do Brasil e do

povo brasileiro". Artigos de lideranças sociais e de intelectuais destacaram a importância da luta da

Somos todos



João Pedro Stedile
Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)

"Os petroleiros estão fazendo uma greve patriótica para salvar a Petrobrás para o povo brasileiro. E o único patrimônio de riqueza natural que ainda podemos usar em benefício do povo é o petróleo".



Gilberto Cervinski
Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

"Mais do que enfrentar o plano de desinvestimento, a greve significa um enfrentamento ao capital internacional especulativo. Os setores populares e sindicais não podem ter nenhuma dúvida de que lado devem estar".



Chico Buarque, ao receber da FUP e do MST o jaleco petroleiro

"É um orgulho receber esse uniforme.. Há uma coibição permanente em torno da Petrobrás, desde os tempos Getúlio"

frente, junto com os petroleiros

categoria em defesa da soberania e criticaram os gestores da Petrobrás e a imprensa por tentarem criminalizar uma greve sem qualquer caráter corporativista ou econômico, cujo foco era barrar a privatização da empresa e trazer de volta os investimentos que o país tanto necessita.

No nono dia da paralisação, as centrais sindicais (CTB, CUT, Força Sindical, UGT, NCST e CSB) lançaram um movimento pela retomada do crescimento econômico, com ênfase, principalmente, nos investimentos da Petrobrás. O objetivo é criar uma agenda unitária

No dia 13 de novembro, mais de 500 militantes do MST ocuparam o Ministério das Minas e Energia, em defesa da Petrobrás, do Pré-Sal e da greve dos petroleiros

dos trabalhadores, empregados e organizações da sociedade civil para recuperar e fortalecer os



empregos nos setores de petróleo e gás, indústria naval e construção civil.

As propostas construídas pelos petroleiros na Pauta pelo Brasil dialogam diretamente com essa iniciativa, que será mais uma importante frente de luta

para pressionar o governo e os gestores da Petrobrás a avançarem nos debates que a FUP vem travando para manter o regime de partilha do Pré-Sal e para que a estatal volte a ser a indutora do desenvolvimento nacional.

s petroleiros

Foto: Stefano Figalo



Vagner Freitas
Central Única dos
Trabalhadores (CUT)

"O engajamento na greve dos petroleiros é uma obrigação de todos que lutam por uma Nação mais justa, igualitária e inclusiva".



Frei Antônio Sérgio Görden
Movimento dos Pequenos
Agricultores (MPA)

"Os petroleiros são o Brasil e nós somos os petroleiros. Essa é uma greve em defesa do petróleo para o povo brasileiro e em defesa da Petrobrás".

De janeiro a dezembro, lutas sem tréguas



"Os petroleiros são a força e a voz do povo para defender a Petrobrás"

09 de janeiro - ato público na Bahia cobra respeito aos petroleiros, rigor contra os corruptos e corruptores e denuncia os privatistas que agem para desmoralizar a Petrobrás.

24 de fevereiro - ato na ABI, com participação de centrais sindicais, movimentos sociais, intelectuais e do ex-presidente Lula, lança frente nacional em defesa da Petrobrás e do pré-sal.

13 de março - defesa da soberania energética é um dos principais motes das manifestações que as centrais sindicais e movimentos sociais realizam em todo o país em defesa da democracia e contra o golpismo.

24 de março - FUP e sindicatos ocupam a Câmara dos Deputados em audiência de relançamento da Frente Parlamentar Mista em Defesa da Petrobrás.

03 de maio - petroleiros comemoram os 20 anos da greve de maio de 1995, reafirmando a necessidade de um novo enfrentamento para barrar os privatistas que agem contra a Petrobrás.

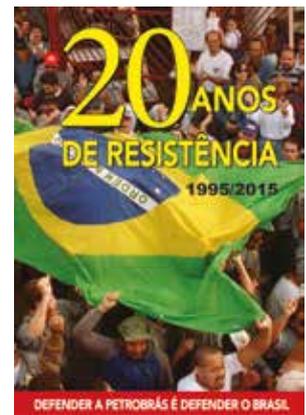
28 de maio - em reunião com o novo presidente da Petrobrás, FUP critica desinvestimentos e afirma que os petroleiros não permitirão o desmonte da empresa.

29 de maio - sindicatos realizam atrasos e cortes de rendição nos turnos, contra o retrocesso, os ataques aos direitos dos trabalhadores e em defesa da Petrobrás e do pré-sal.

07 de junho - Congresso da UNE aprova agenda de luta em defesa da Petrobrás e do pré-sal.



As lutas em defesa da Petrobrás e do Pré-Sal



16 de junho - PLS 131 é encaminhado para o plenário do Senado, onde requerimento de lideranças partidárias solicita urgência para o projeto. Petroleiros protestam nas galerias do Senado e o presidente da Casa, Renan Calheiros, manda a polícia parlamentar prender os sindicalistas, que são violentamente reprimidos. Por 42 votos a 17, o Senado aprova o regime de urgência.

19 de junho - em reunião com o presidente da Petrobrás, FUP cobra interlocução com os gestores para discutir alternativas para a retomada dos investimentos da empresa. Petroleiros também cobram um posicionamento da companhia em defesa do regime de partilha do pré-sal.

23 de junho - FUP apresenta ao Conselho de Administração da Petrobrás propostas para o fortalecimento da empresa e maior transparência da gestão. Em Macaé, petroleiros se manifestam contra José Serra na abertura da Brasil Offshore.

24 de junho - Conselho Deliberativo da FUP discute um amplo calendário de luta para barrar o PLS 131 e aponta que a defesa do pré-sal e da Petrobrás deve ser o principal eixo da 5ª Plenafup.

26 de junho - Conselho de Administração da Petrobrás aprova novo Plano de Negócios e Gestão para o período 2015-2019, com reduções de investimentos na ordem de US\$ 130,3 bilhões e venda de ativos de US\$ 57,7 bilhões.

30 de junho - petroleiros realizam atos em vários aeroportos do país contra o PLS 131. Em Brasília, FUP participa de sessão temática no Senado e rebate argumentos de José Serra.





“Não se vence a crise com arrocho ou cortes de investimentos”



01 de julho - uma representação da FUP e sindicatos permanece em Brasília, trabalhando para impedir a votação do PLS 131.

05 de julho - por unanimidade, a 5ª Plenafup aprova a Pauta pelo Brasil e delibera que a luta contra o desmonte da Petrobrás e contra a entrega do pré-sal deve ser prioridade da categoria.

07 de julho - FUP protocola na Petrobrás a Pauta pelo Brasil e, junto com os sindicatos e movimentos sociais, realiza novas mobilizações nos aeroportos e no Senado contra o PLS 131.

08 de julho - força tarefa da FUP surte efeito e, com ajuda de parlamentares comprometidos com a defesa da Petrobrás e do pré-sal, conquista 46 assinaturas de senadores para requerimento que retira o PLS 131 do regime de urgência. O projeto é encaminhado para discussão em uma comissão especial que terá prazo de 45 dias para se manifestar sobre a proposta.

14 de julho - ato político no auditório Nereu Ramos, na Câmara dos Deputados, reforça defesa da Petrobrás.

15 de julho - FUP detalha para a Petrobrás propostas da Pauta pelo Brasil e reitera que a prioridade dos trabalhadores é barrar os desinvestimentos e preservar a empresa como operadora única do pré-sal.

14 a 22 de julho - semana de mobilizações agita o Sistema Petrobrás contra a tentativa de desmonte da empresa e contra o PLS 131.

17 de julho - petroleiros concluem assembleias e aprovam estado de greve.





24 de julho - categoria adere à greve de 24 horas em defesa da Petrobrás e do pré-sal.

04 de agosto - no retorno do recesso parlamentar, FUP e sindicatos recebem os senadores no aeroporto de Brasília com uma grande manifestação contra o projeto de José Serra (PLS 131).

05 de agosto - petroleiros mantêm pressão cerrada no Senado e Comissão que trataria do PLS 131 é adiada.

06 de agosto - reunido em Brasília, o Conselho Deliberativo da FUP estabelece prazo até 21 de agosto para que a Petrobrás responda a Pauta pelo Brasil.

10 de agosto - durante visita à Santa Catarina, José Serra é recebido pelos petroleiros com protesto contra o PLS 131.

11 de agosto - no dia do estudante, FUP, professores, entidades estudantis e movimentos sociais realizam ato na Câmara dos Deputados, em defesa da Petrobrás e do pré-sal para a educação.

12 de agosto - durante a instalação da Comissão Especial do PLS 131, Renan Calheiros barra entrada dos sindicalistas no Senado e altera formação da Comissão.

13 de agosto - FUP entrega à Dilma Rousseff a Pauta pelo Brasil, reitera o posicionamento dos trabalhadores contrários ao PNG e cobra que a presidente intervenha para impedir a venda de ativos e garantir a manutenção dos investimentos.

18 de agosto - mais de 30 entidades dos movimentos sociais, estudantis e sindicais elaboram jornada de luta contra o PLS 131, em seminário da Plataforma Operária e Camponesa para a Energia.





"Ninguém entrega o Pré-Sal, nem a Petrobrás!"

24 de agosto - petroleiros somam-se ao ato dos metalúrgicos no Rio de Janeiro em defesa da retomada dos investimentos no Comperj.

25 de agosto - Conselho Deliberativo da FUP reitera indicativo de greve nacional contra o desmonte da Petrobrás. FUP e sindicatos realizam ato em frente ao Edise contra o PNG da Petrobrás e em desagravo aos ataques sofridos pelo representante dos trabalhadores no CA, Deyvid Bacelar.

26 de agosto - FUP protocola documento responsabilizando a Petrobrás pelo impasse nas negociações.

28 de agosto - petroleiros e movimentos sociais protestam contra o PLS 131 durante participação de José Serra em conferência na Bolsa de Valores, no Rio de Janeiro.

01 de setembro - avisos diários de deflagração da greve começam a ser protocolados na Petrobrás, confundindo os gestores da empresa.

03 de setembro - em reunião com a FUP e seus sindicatos, Petrobrás afronta trabalhadores, impondo processo de negociação segmentado. As entidades retiram-se da mesa e cobram um acordo até o dia 12/09 para cumprimento da Lei de Greve.

04 de setembro - Conselho Deliberativo discute novas estratégias para a greve. Seguidos comunicados para deflagração do movimento deixam as gerências atônitas.

14 de setembro - Petrobrás divulga proposta de acordo que não responde a Pauta pelo Brasil e ainda impõe redução de direitos sociais.

17 de setembro - FUP ingressa com uma interpelação judicial contra o ex-presidente do CA da Petrobrás, Murilo Ferreira, cobrando explicações sobre declarações ofensivas contra os petroleiros.



Petroleiros podem entrar novamente em greve



18 de setembro - Sindicatos concluem assembleias e aprovam greve nacional por tempo indeterminado em todo o Sistema Petrobrás.

22 de setembro - Conselho Deliberativo discute em Brasília ações políticas e estratégias para barrar o desmonte da Petrobrás e propostas de encaminhamentos da greve.

24 de setembro - uma grande mobilização dos petroleiros com os movimentos sociais agita a Esplanada dos Ministérios em defesa da Petrobrás. Ao final da manifestação, a FUP e seus sindicatos se reúnem com o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, cobrando audiência com a presidente Dilma para discutir a situação da Petrobrás.

29 de setembro - após três meses de pressão cerrada dos petroleiros no Congresso contra o PLS 131, senadores retiram o projeto da pauta do Plenário.

30 de setembro - FUP interrompe reunião do Conselho de Administração da Petrobrás e entrega aos presidentes da empresa e do CA documento onde relatam o impasse no processo de negociação e cobram interlocução para debater a Pauta pelo Brasil.

01 de outubro - reunião com a Procuradoria Geral do Trabalho cobra a construção de um acordo que garanta o pleno cumprimento da Lei de Greve. FUP recebe sugestões dos trabalhadores com propostas alternativas ao PNG da Petrobrás.

02 de outubro - Presidência da Petrobrás é interpelada para que se posicione sobre as declarações das gerências de que a empresa estaria quebrada e com o caixa zerado em meados de 2016.

03 de outubro - no aniversário de 62 anos da Petrobrás, petroleiros e movimentos sociais vão às ruas em defesa da empresa, da soberania e da democracia.



“Lutar pela Petrobrás é defender o Brasil. Barrar o golpe é defender a democracia”



05 de outubro - FUP convida representantes da Petrobrás e de suas subsidiárias para uma negociação conjunta na sede da entidade. A proposta foi recusada pela empresa.

07 de outubro - em carta aberta aos trabalhadores do Sistema Petrobrás, FUP critica intransigência da empresa em discutir a Pauta pelo Brasil

15 de outubro - nova audiência com o Ministério Público do Trabalho discute o cumprimento da Lei de Greve.

23 de outubro - FUP envia à Petrobrás documento com sugestões dos trabalhadores para a construção de propostas alternativas ao PNG e cobra que a empresa agende reunião até o dia 28 de outubro com todas as subsidiárias para negociação da Pauta pelo Brasil.

26 de outubro - Ação Civil Pública da FUP cobra suspensão do processo de venda de 49% das ações da Gaspetro, sob suspeita de irregularidades.

28 de outubro - em reunião conjunta com a Petrobrás e subsidiárias, as entidades sindicais tornam a cobrar a negociação da Pauta pelo Brasil. A empresa, no entanto, insiste em sua proposta de acordo rebaixado.

29 de outubro - Petrobrás não comparece à audiência convocada pelo Ministério Público do Trabalho. FUP e sindicatos comunicam que o início da greve será a partir das 15 horas do dia 01/11.

01 de novembro - petroleiros iniciam a greve que se configuraria nas próximas semanas no maior movimento político da história da categoria.





03 de novembro - Petrobrás intensifica repressão à greve. Deyvid Bacelar, representante dos petroleiros no Conselho de Administração da empresa é agredido pela polícia em frente à Rlam e arbitrariamente preso.

05 de novembro - trabalhadores denunciam práticas antissindcais das gerências para tentar manter a produção a qualquer custo. Supervisor da Repar morre, após sofrer infarte dentro da refinaria.

09 de novembro - greve faz Petrobrás reconhecer a Pauta pelo Brasil e iniciar negociação com as entidades sindicais.

13 de novembro - Conselho Deliberativo da FUP indica suspensão da greve, após Petrobrás formalizar proposta que garante discussão de propostas para retomada dos investimentos, renovação do ACT com manutenção de todos os direitos e isonomia para os trabalhadores da Fafen-PR. Em Brasília, MST e movimentos sociais ocupam o Ministério das Minas e Energia, em apoio à greve dos petroleiros e em defesa da Petrobrás.

17 de novembro - em audiência com o procurador-geral do Trabalho, FUP cobra rigor na apuração das práticas antissindcais cometidas pela Petrobrás durante a greve.

26 de novembro - FUP e sindicatos assinam renovação do Acordo Coletivo, preservando todos os direitos conquistados pela categoria nos últimos 13 anos.

08 de dezembro - ato no Rio de Janeiro deflagra movimento contra o impeachment da presidente Dilma e cobra retomada dos investimentos da Petrobrás.

16 de dezembro - petroleiros participam de mobilizações em defesa da democracia e contra o golpe.



'A geração de petroleiros sua própria história, sem

Ao avaliar a greve de novembro, o coordenador da FUP, José Maria Rangel, não tem dúvidas de que ela já entrou "para história, não só da nossa categoria, mas também do movimento sindical brasileiro". A comparação com 1995 é inevitável, mas para Zé Maria a juventude petroleira cravou sua marca nessa greve. "Tenho certeza que, assim como a minha geração sempre se referiu à greve de 95 como um grande momento de luta e resistência, a geração pós 2002 hoje tem a sua própria história, sem dever nada a ninguém", declara.

Ele também avalia a situação atual do país: "Temos uma crise mundial na indústria do petróleo e, além disso, o acirramento da crise do capital, que ainda persiste. O país vive uma crise política séria, onde setores derrotados na eleição de 2014 ainda querem o poder através de um golpe. Ou seja, a soma de tudo isso reflete diretamente na Petrobrás [...] Nós, petroleiros e movimentos sociais, estamos resistindo bravamente a este cenário extremamente conturbado. Tudo que conseguimos até agora foi vencer algumas batalhas. Sabemos que a vitória final está longe, no entanto, temos disposição e um exército laranja na ponta dos cascos para defender a democracia e a nossa soberania".



Foto: Samuel Iosta

Vinte anos após a maior greve dos petroleiros, a história se repetiu de maneira semelhante a de 1995. Como foi liderar um processo de resistência tão importante para a categoria e para o Brasil?

A greve de 1995 teve como ponto de partida um acordo do ano anterior que não foi cumprido pelo governo. Por trás disso tudo, estava uma figura bem conhecida dos petroleiros, FHC, que, na época, além de não cumprir o Acordo assinado por Itamar Franco, não quis negociar com os trabalhadores e ainda por cima tentou liquidar a categoria. A FUP, de maneira muito habilidosa, conseguiu dar um caráter político àquele movimento, pautando na sociedade a necessidade de se derrotar o projeto neoliberal dos tucanos, que tinha por base ataques de direitos e privatização.

Passados 20 anos, mais uma vez, conseguimos ir além dos muros da Petrobrás e derrubarmos as tentativas de enfraquecimento e fatiamento da companhia.

A greve de 2015 garantiu aos trabalhadores discutir os rumos da maior empresa do país e fez a Petrobrás reconhecer a Pauta pelo Brasil, que eram as principais reivindicações dos petroleiros. Foi um orgulho coordenar um processo como esse, tendo ao meu lado dirigentes e militantes sindicais valorosos, junto com os movimentos sociais, que são nossos aliados de primeira hora. Nossa greve certamente entrará para história, não só da nossa categoria, mas também do movimento sindical brasileiro.

Você viveu duas experiências bem distintas. Em 1995, estava dentro de uma plataforma e agora, no comando do movimento, como coordenador da FUP...

O que o trabalhador quer das suas lideranças? A verdade. Em 95, eu embarcava em Itajaí (SC). Lá, não tinha telefone e o contato com a terra era através de rádio ou por ligação internacional, que era caríssima. Ou seja, era uma situação complicada, e eu, como um dos líderes do movimento na plataforma, tinha que confiar nas informações que me eram passadas para poder retransmiti-las aos trabalhadores.

Durante um movimento paredista forte como o nosso, o terreno é fértil para boatos e a comunicação deve ser a mais segura possível. Penso que conseguimos fazer isso, como demonstrou a força da nossa greve. O mais importante é que ganhamos o nosso pessoal para a nossa causa.

Essa foi a primeira grande greve da nova geração de petroleiros. A conscientização e disposição de luta desses jovens trabalhadores foram o diferencial dessa greve?

A combinação juventude e experiência, quando bem dosada, consegue ter sucesso em todos os segmentos da sociedade. Os jovens hoje compõem a maior parte da nossa categoria e deles será a responsabilidade de continuar a fazer da Petrobrás a maior

pós 2002 hoje tem a dever nada a ninguém”

Foto: Diego Villamarim



e mais admirada empresa do Brasil. Eles entenderam o recado e se jogaram de corpo e alma na empreitada da defesa da companhia e dos nossos direitos, que foram duramente conquistados nos últimos anos. Tenho certeza que, assim como a minha geração sempre se referiu à greve de 95 como um grande momento de luta e resistência, a geração pós 2002 hoje tem a sua própria história, sem dever nada a ninguém.

Os trabalhadores viveram dias difíceis em 2015, devido a uma conjuntura extremamente complexa. Uma das grandes mobilizações realizadas barrou a votação do PLS 131, do senador José Serra, que visa acabar com o papel da Petrobrás de operadora única do Pré-Sal e sua garantia de participação mínima nos consórcios. Os petroleiros saem dessa greve mais fortes para as próximas lutas?

O momento atual é fruto de uma série de fatores e isso todos precisam compreender. Temos uma crise mundial na indústria do

petróleo e, além disso, o acirramento da crise do capital, que ainda persiste. O país vive uma crise política séria, onde setores derrotados na eleição de 2014 ainda querem o poder através de um golpe. Ou seja, a soma de tudo isso reflete diretamente na Petrobrás.

Desde a criação da empresa, há 62 anos, os setores entreguistas da nação querem doar nosso petróleo para as multinacionais. Nós, petroleiros e movimentos sociais, estamos resistindo bravamente a este cenário extremamente conturbado.

Tudo que conseguimos até agora foi vencer algumas batalhas. Sabemos que a vitória final está longe, no entanto, temos disposição e um exército laranja na ponta dos cascos para defender a democracia e a nossa soberania.

Qual o principal legado político que a greve de 2015 deixa?

Que lutar sempre vale a pena. Como diz o Pepe Mujica: “A única luta que se perde é aquela que se abandona”.

E a principal conquista da greve?

O debate. E digo o debate sobre o futuro da empresa, que é algo inédito no país. Além disso, conseguimos a manutenção do nosso Acordo Coletivo de Trabalho na sua integralidade, que é algo excepcional, principalmente diante de um cenário onde todas as grandes operadoras estão demitindo e reduzindo salários.

Quais são as perspectivas da FUP e de seus sindicatos para dar continuidade à luta em defesa da Petrobrás, do pré-sal e do Brasil?

O governo tem que entender, se é que ainda não sabe, que a única empresa que pode fazer a roda da economia do país voltar a girar é a Petrobrás, por conta da sua capilaridade a nível nacional. Nossa luta é pelo Brasil, pelo nosso povo, pela nossa soberania, com trabalho e renda.

E isso não é querer muito. É?



“Petroleiros dão ao país uma lição de cidadania, num tempo de individualismo”

Após 15 dias de paralisação, os petroleiros do Amazonas voltaram aos seus postos de trabalho no dia 16 de novembro. Foi a segunda maior greve da história da Petrobrás. Como em 1995, o movimento foi em defesa não somente da dignidade e do bem estar dos trabalhadores e trabalhadoras. Defendeu também o patrimônio nacional.

“Os petroleiros dão ao país uma lição de cidadania, num tempo de individualismo. Uma prova de amor ao trabalho, à Petrobrás e ao país, num tempo de difusão do ódio”, ressalta Paulo Neves, diretor do Sindipetro Amazonas, representante da nova geração de trabalhadores que realizaram essa greve. “Mais uma vez petroleiros e petroleiras foram protagonistas da história de lutas da classe



trabalhadora. Se em 1995 evitamos a privatização, em 2015 salvamos a Petrobrás do desmonte”, afirma Aldemir Caetano, diretor do Sindicato amazonense e também da FUP, onde atuou nas duas maiores greves da história da categoria.

“Parabenizamos os trabalhadores pela luta. Conseguimos manter o Acordo Coletivo de

Trabalho, uma vez que a Petrobrás queria retirar 30 cláusulas e modificar outras 91. Garantimos o Adicional de Permanência no Estado do Amazonas, garantimos a reposição da inflação pelo índice do IPCA (9,53%) e a FUP ainda está buscando solução para que não se descontem os dias parados. A Pauta pelo Brasil, que é a nossa pauta principal,

a Petrobrás reconheceu e atendeu”, destaca Acácio Carneiro, coordenador geral do Sindipetro Amazonas, lembrando que a paralisação foi suspensa, mas os trabalhadores continuam em estado de greve. “A categoria pode ser reconvocada a cruzar os braços novamente, caso a Petrobrás não cumpra os itens da Pauta pelo Brasil”, destaca.



Disposição de luta e comprometimento com a soberania

Em repúdio às medidas privatistas do Plano de Negócios e Gestão da Petrobrás para o período de 2015/2019, os petroleiros e petroleiras cearenses iniciaram no dia 01 de novembro de 2015 a maior greve dos últimos 20 anos.

Em Paracuru, plataformas reduziram a produção de óleo em 87% e gás em 94%. Apenas um campo continuou produzindo com um contingente mínimo de trabalhadores.

Na Usina de Biodiesel, em Quixadá, na Refinaria de Lubrificantes (Lubnor), na TermoCeará e nas Transpetros Maracanaú, Pecém e Mucuripe, a Petrobrás continuou operando com contingente mínimo, utilizando trabalhadores em sobrejornada, que chegaram a ser de 40h seguidas.

No quarto dia de greve,



a CUT, o movimento Levante Popular pela Juventude, a UNE, Kizomba, CUT, MAB, MST, Frente Brasil Popular e outros movimentos sociais e sindicais apoiaram a greve em defesa da Petrobrás.

No décimo dia, as centrais sindicais e movimentos sociais e estudantis realizaram um ato de conscientização

da importância da greve para a população na Praça do Ferreira, no centro de Fortaleza (CE). Participaram do ato o Movimento Luta de Classes (MLC), Kizomba, CTB, CUT, Conlutas, Seeaconce, MOTU, SINTETI, APEOC, MML, Fetamce, Consulta Popular, MAB, Sintro, mandato do Deputado Elmano Freitas, Casa de Cultura e defesa da Mulher Chiquinha Gonzaga,

Movimento Democracia Participativa, Comitê Memória, Verdade e Justiça.

Após dezesseis dias de greve, os petroleiros do Ceará aprovaram a suspensão da greve e manutenção de estado de greve. O Acordo Coletivo de Trabalho proposto pela Petrobrás foi analisado pelo setor jurídico do sindicato e assembleias de apreciação do ACT foram feitas.



Greve atingiu todos os setores

No Rio Grande do Norte, onde a Petrobrás mobiliza aproximadamente dois mil trabalhadores próprios, a greve teve início às 15h do domingo, 01/11, com força total. Em solo potiguar, a companhia mantém diversas instalações de porte, além de operar 62 campos de produção em terra e sete no mar, com 3.700 poços espalhados em 15 municípios.

No Polo Industrial de Guamaré, que recebe, trata e processa quase todo o volume de petróleo e gás produzido no RN, a categoria

aderiu massivamente ao movimento. As instalações mais afetadas foram a Unidade de Processamento de Gás Natural e a Refinaria Clara Camarão, com impactos imediatos na produção de GLP e querosene de aviação.

Nas plataformas marítimas, logo depois de iniciada a greve, a produção já registrava queda de 50%. E, nesse mesmo período, no município de Alto do Rodrigues, trabalhadores da Usina Termelétrica Jesus Soares Pereira já haviam desembarcado, reduzindo a produção de vapor para injeção

nos poços terrestres.

Na segunda-feira, 02, feriado do Dia de Finados, a greve se alastrou, atingindo campos terrestres de produção e estações coletoras, a exemplo de Salina Cristal e Conceição B, em Macau. No mar, com o fechamento dos poços, a produção das 13 plataformas ativas foi suspensa e, assim como em Guamaré, os trabalhadores desembarcaram.

Na terça-feira, 03, primeiro dia útil após a deflagração da greve, o movimento foi ampliado com a adesão das sedes administrativas de Natal,

Mossoró e Alto do Rodrigues. Na área operacional, a paralisação chegou aos campos de Canto do Amaro, Lorena e Riacho da Forquilha que reúnem mais de 1.200 poços produtores.

No decorrer da greve, a Petrobrás ajuizou interditos proibitórios, barrou o acesso de dirigentes sindicais às instalações e mobilizou pelegos e terceirizados para tentar enfraquecer o movimento e manter os níveis de produção. A categoria, no entanto, manteve-se firme e sustentou uma greve histórica por 13 dias, até a aprovação do indicativo da FUP.



Comprometimento e solidariedade marcam a greve em Pernambuco

A greve nacional dos petroleiros chegou a Pernambuco a todo vapor.

Já no dia 01 de novembro, os turnos da Refinaria Abreu de Lima e Terminal Aquaviário de Suape/Transpetro aderiram maciçamente a greve.

O Sindicato dos Petroleiros de Pernambuco e Paraíba realizou piquetes na porta da Refinaria e do TA Suape todos os dias, onde os jovens petroleiros faziam o diálogo com seus colegas que ainda entravam para a empresa.

A portaria da Refinaria foi palco para a Tenda da Resistência, aberta durante todo o movimento grevista. Dentre as muitas atividades, um churrasco solidário foi sem dúvida o mais memorável.

Ali se reuniam petroleiros,



mas também grupos políticos que apoiaram o movimento grevista e acompanharam todos os dias. O Levante Popular da Juventude, o MST, e o MAB são alguns deles.

Trabalhadores organizados de outras categorias também estiveram presentes. "A CUT-PE e seus sindicatos estão todos juntos nessa luta. Nossa defesa é acima de tudo do patrimônio do povo brasileiro", declarou Carlos Veras, presidente da CUT-PE.

A solidariedade foi sentimento comum durante os dezesseis dias de greve, com recolhimento de alimentos e participação de todos que aderiram à greve nos diálogos com o restante da base, com panfletagens e abordagem nos ônibus. Os trabalhadores de turno de ambas as bases realizaram escala de 24 horas para garantir a presença de trabalhadores preparados nas operações.

"Esta foi uma greve histórica. Desde 1995 nós petroleiros não realizávamos greve por tanto tempo. O movimento surpreendeu a todos porque houve uma adesão massiva dos trabalhadores, inclusive os mais novos. Mostrou que a juventude tem como se mobilizar", animou-se Marcos Aurélio Monteiro, coordenador geral Sindipetro-PE/PB.

Repressão e atos antissindiciais não intimidaram petroleiros baianos



Na Bahia, a greve nacional de 13 dias

contou com a adesão de cerca de 80% da categoria. A produção de óleo, gás, energia, fertilizante e biocombustível foi drasticamente reduzida, sendo zerada na PBIO e na UTE-Aembepe. A distribuição de derivados de petróleo foi cortada nas unidades da Transpetro de Jequié e Itabuna e o transporte de óleo por carretas foi interrompido em toda a UO-BA.

Apesar dos pelegos que envergonham a categoria, a direção do Sindipetro Bahia avalia a greve como positiva e destaca os companheiros e companheiras que participaram de forma corajosa de toda essa luta, fortalecendo os piquetes de convencimento nas bases, particularmente os trabalhadores da Fafen, Temadre, unidades da



Transpetro de Jequié e Itabuna, UTE-Aembepe e PBIO.

Foram 13 dias de pouco sono, muito cansaço e luta, enfrentando a truculência e as ações antissindiciais da Petrobrás, inclusive com a agressão e prisão do coordenador geral do Sindipetro Bahia e conselheiro eleito do CA da Petrobrás, Deyvid Bacelar. Foram presos também o diretor de SMS Agnaldo Soares e o fotógrafo Wandaick Costa, a mando do gerente geral da Rlam.

Em repúdio à repressão, o coordenador geral da FUP, Zé Maria Rangel,

o presidente nacional da CUT, Vagner Freitas e representantes de diversos sindicatos e movimentos sociais participaram de um ato no Trevo da Resistência, próximo à Rlam, no dia 05/11.

A greve foi também um embate diário contra a Petrobrás que utilizou o judiciário baiano para impor multas altíssimas e o bloqueio de contas bancárias da entidade sindical.

Para o coordenador do Sindipetro Bahia, Deyvid Bacelar, "a greve foi necessária e vitoriosa e os petroleiros e petroleiras foram protagonistas de

um momento histórico, que com certeza será determinante na defesa deste grande patrimônio do povo brasileiro, que é o sistema Petrobrás".

Após 13 dias, em Assembleia Geral Extraordinária, que durou cerca de cinco horas, com a presença de petroleiros e petroleiras de diversas bases do Sistema Petrobrás na Bahia e após intensos debates com 27 inscrições para falas, a categoria aprovou o indicativo da FUP de suspensão do movimento e manutenção do estado de greve, voltando ao trabalho no dia 14/11.

Unidade de norte a sul do estado



O Espírito Santo foi o último estado a suspender a greve.

Foram 22 dias de luta de um movimento que uniu trabalhadores capixabas, de Norte a Sul do estado, nas unidades, terminais e plataformas do Sistema Petrobrás. A coragem e a determinação de uma geração de jovens que soube ouvir e abraçar a causa em defesa dos seus direitos e do patrimônio nacional, que é a Petrobrás, trouxe um novo protagonismo para a política sindical.

Para o Técnico de Segurança, Agenor Starc Filho, do Terminal Norte Capixaba, essa foi uma "greve tecnológica", sem fronteiras onde a comunicação teve um papel



estratégico e fundamental, unindo e integrando as diferentes unidades. "Foi uma greve tecnológica em que as pessoas se uniram em um só tempo, não importando o espaço aonde estivessem. Vídeos, fotos, documentos, textos, tudo ou quase tudo em tempo real. Perdeu-se o medo de se expressarem. Essa é a nova geração, a geração Y, mudando o mundo, mudando o curso da história. Cadê você fulano, não há ninguém

aqui? Estou no ônibus, aguarde. Outro dizia, estou chegando. Em outro texto alguém perguntava: qual sua opinião e o outro respondia, estou dentro do avião, mas estou acompanhando você. As informações fluíam a todo momento, a todo instante, estivesse você na terra, no céu ou no mar".

Energia para o combate

Um dos maiores produtores de petróleo

do País, o Espírito Santo foi exemplo de força e determinação. "A adesão maciça dos companheiros de unidades estratégicas foi uma demonstração de confiança à direção sindical e, principalmente, o compromisso desta categoria com a coletividade, para que não houvesse retrocesso das conquistas obtidas na última década", frisa o coordenador-geral do Sindipetro-ES, Paulo Rony Viana.



Vinte dias de uma luta histórica

A greve nas bases do Sindipetro-NF durou 20 dias e

começou às 19h de 1º de novembro. No mar, a adesão chegou a 50 unidades, entre plataformas e UMS (Unidade de Manutenção e Serviço). Em terra, o movimento foi intenso no Terminal de Cabiúnas, em Macaé, e também contou com trancaços em bases administrativas, como a de Imbetiba, e aeroportos.

Nas plataformas, a greve começou com indicativo de ocupação e controle de produção pelos trabalhadores. As unidades eram monitoradas pelo movimento a todo instante, sendo classificadas como "totalmente paradas", "parcialmente paradas" e "operadas pela contingência". Houve perdas de produção estimadas em 450 mil barris diários nos primeiros dias da paralisação.

Em uma segunda fase do



movimento, o indicativo passou a ser o de desocupação, com o desembarque dos grevistas. A partir deste ponto, a greve ganhou ainda mais visibilidade em terra com a ação dos militantes desembarcados nos bloqueios nos aeroportos da região – Cabo Frio, Macaé e Campos (Farol de São Thomé e Bartolomeu Lisandro) – e até fora da base do NF, no aeroporto de Jacarepaguá, no Rio, por onde estavam embarcando "fura-greve" para plataformas da UO-Rio, na Bacia de Campos.

Também cresceram os bloqueios em Cabiúnas, que mantinha o controle do carregamento de gás GLP, e a participação dos militantes em reuniões de avaliação, todo fim de tarde, nas sedes do sindicato. Para envolver a sociedade, foram realizados ainda uma passeata em Macaé e um ato na Câmara de Vereadores de Campos, que aprovou moção de apoio ao movimento.

Diariamente, durante toda a greve, diretores do Sindipetro-NF, da FUP e de outros

Sindipetros participavam ao vivo de programa da Rádio e TV NF que avaliava o movimento e dava informes à categoria.

A greve foi suspensa em assembleias lotadas em Campos e em Macaé no dia 20 de novembro. No mesmo dia, o sindicato divulgou nota que registra a importância histórica do movimento e a necessidade de manter a mobilização contra os ataques à Petrobrás e contra a agenda conservadora que tomou conta do cenário político brasileiro.



Exemplo de união e solidariedade

O dia 18 de novembro marcou o fim do movimento grevista em Minas Gerais, que contou com a participação dos petroleiros da Refinaria Gabriel Passos (Betim), Termelétrica Aureliano Chaves (Ibirité) e Usina de Biodiesel Darcy Ribeiro (Montes Claros). Até a deflagração do movimento, não tínhamos certeza de que a greve aconteceria. Mas quando deflagrada, os trabalhadores aderiram em massa. Além de saírem em defesa da Pauta pelo Brasil, os grevistas não aceitavam a retirada de nenhum direito do Acordo Coletivo de

Trabalho.

Foram dias difíceis, em que tivemos de enfrentar ameaças e práticas antissindicais que tentaram desestimular a greve. Para forçar a empresa a agir conforme a lei, o Sindipetro/MG recorreu à justiça e, sob liminar, a empresa foi condenada. Entretanto, a Regap preferiu pagar a multa. Na Termelétrica, chegaram a contratar terceirizados para substituir os grevistas.

Mas hoje, o sentimento que prevalece é o da vitória. E entre as diversas conquistas, queremos destacar duas, que marcaram



a luta da categoria: a solidariedade de classe e a participação dos movimentos sociais. A solidariedade de classe mostrou o quanto é importante a participação nos nossos movimentos. A adesão maciça fortaleceu os grevistas e levou a uma diminuição drástica da pelegagem.

O apoio dos movimentos sociais serviu de estímulo para permanecermos firmes.

Militantes de diversas entidades, como: MST, MAB, Levante Popular da Juventude, Marcha Mundial das Mulheres, CUT/MG, Sinttel, Sindieletro, Sindifes e Sindicato dos Metalúrgicos de BH e Contagem, se juntaram aos petroleiros em atos realizados em frente à Regap e na BR-381. São por esses motivos, que a greve de 2015 será para sempre lembrada com orgulho.

1995 e 2015: a repressão não nos intimida!

Durante os 16 dias de greve em Duque de Caxias, a Polícia Militar abriu mão de cumprir seu dever de combater a violência na cidade e assumiu o triste papel de segurança particular dos gerentes da Petrobrás.

Com fuzis em punho, os policiais abriam e fechavam os portões, determinavam quem entrava e saía da refinaria e impediam que o sindicato pudesse conversar com os trabalhadores que ainda não haviam aderido à greve.

Um batalhão inteiro foi deslocado para reprimir os grevistas, o que foi motivo de festa para a criminalidade, que se viu livre para atuar na cidade sem se preocupar com a polícia.

Em maio, a mesma PM já havia ameaçado quatro diretores e prendido covardemente o presidente do sindicato, o companheiro Simão Zanardi, durante manifestação contra o PL 4330, da terceirização.

Muitos trabalhadores que participaram da greve de 1995 afirmaram que a repressão da PM foi mais incisiva que a praticada pelas Forças Armadas 20 anos atrás.

O Sindipetro Caxias



denunciou a ação ilegal da PM ao Ministério Público do Trabalho, que encaminhou o caso para o Ministério Público Estadual.

Apesar disso, todo esse esforço coordenado entre gerentes da Petrobrás e Polícia Militar para intimidar a greve em Caxias foi em vão. Mesmo enfrentando a truculência policial, dezenas de trabalhadores continuaram realizando diariamente os piquetes na REDUC, TECAM e UTE-GLB e convencendo mais companheiros e companheiras de trabalho a entrarem no movimento.

Assim como na greve



de 1995, quando a garra e a coragem dos petroleiros de Duque de Caxias fizeram com que o governo FHC desistisse de ocupar a REDUC com as

tropas do Exército, a greve de 2015 provou, mais uma vez, que a categoria fala sério quando afirma que defenderá a Petrobrás contra tudo e contra todos.



Petrobrás usa velhas armas e trava confronto diário

A greve na base do Unificado foi marcada pelo confronto diário com a empresa.

Desde o início, a direção sindical enfrentou forte intransigência e lutou contra velhas e conhecidas armas: equipes de contingência, assédio moral, mensagens e telefonemas intimidatórios, repressão policial, medidas judiciais e apoio da mídia conservadora. Em São Caetano, o diretor Jair Campos (Jairzinho) foi detido pela polícia e levado para a delegacia.

Na tarde de domingo (01/11), véspera de Finados, a greve foi deflagrada. Chovia na maior parte do Estado, quando os ônibus fretados começaram a chegar na Recap, em Mauá, e na Replan, em Paulínia.



Informados de que a paralisação começaria às 15h, os trabalhadores não entraram na empresa.

Na UTE Luís Carlos Prestes, em Três Lagoas-MS, os petroleiros também cruzaram os braços. A adesão da base do Unificado, no primeiro dia da greve nacional, foi de 100%. Os terminais da Transpetro de Barueri e Guararema iniciaram a mobilização no dia 04 e, na manhã seguinte, as unidades de Guarulhos

e São Caetano também pararam.

Os dirigentes tentaram negociar, sem sucesso, os grupos de contingência e o acesso às refinarias para inspecionar as áreas de operação. Na Recap, logo que a contingência assumiu, houve uma parada de emergência no HDT, que reduziu em 50% a produção. Trabalhadores do setor de segurança deixaram a contingência e aderiram ao movimento. Na

UTE, supervisores interinos abriram mão dos cargos comissionados em favor da greve. Ao invés de ficarem em casa, muitos grevistas foram ajudar nos piquetes nas portarias.

Por ordem judicial, o Sindicato foi obrigado a liberar o acesso de trabalhadores na Replan e Recap, sob pena de multa. Grande parte dos trabalhadores do HA e 100% do turno continuaram firmes na luta, até o fim.

“A participação da base é fundamental para nossas conquistas. O Sindicato não consegue tocar sozinho uma mobilização como essa. Não há mais espaço para greve de pijama e essa paralisação é só o começo do que está por vir, é a ponta do iceberg”, afirmou a coordenadora do Unificado, Cibele Vieira.



Uma greve do povo brasileiro

Muita luta, companheirismo e formação sindical.

Quem de fato participou da greve pode dizer que já não é a mesma pessoa, evoluiu como ser humano com a solidariedade que o movimento proporcionou. Além do despertar da coletividade, que é inerente à toda greve justa, a participação de militantes dos movimentos sociais construiu laços de fraternidade e reafirmou a união da classe trabalhadora com os movimentos sociais.

Houve quem não entendeu a presença dos movimentos e até questionou. Após a convivência, muitos compreenderam; poucos mantiveram a visão distorcida. Talvez não entenderam que a luta em defesa da Petrobrás é do povo brasileiro.

Durante os dias de greve, várias foram as batalhas e também as formas de opressão. A empresa se utilizou até mesmo do uso da força policial para



coagir os grevistas. A estratégia anti-greve também se estendeu no campo judicial. Logo no segundo dia, começaram a surgir os famosos interditos proibitórios. As liminares em favor da empresa traziam muitas assustadoras.

Na Repar, Tepear e Tefran, a ação dos juizes pareceu orquestrada: multa de R\$ 100 mil por dia ao Sindicato. A partir daí, a adesão foi feita no convencimento. Mesmo assim, a greve continuou forte.

A categoria compreendeu que estava em jogo não apenas uma campanha salarial, mas também os empregos, a empresa e o futuro do Brasil enquanto país soberano.

Os gestores da empresa foram irresponsáveis e mantiveram a produção em patamares quase normais, mas com o efetivo reduzido e muitas vezes sem treinamento adequado. Cinco dias após o início da greve, uma tragédia na Repar. O supervisor de mecânica

Pedro Alexandre Bagatin sofreu um infarto nas dependências da refinaria, não resistiu e faleceu um dia depois. Estava decretado o luto na luta dos petroleiros.

Na última semana da greve, um ato histórico em Santa Catarina. Pela primeira vez, petroleiros dos Teguauçu e Temirim foram até a unidade de São Francisco para um ato unificado no Tefran. A resistência e a solidariedade estavam consolidadas no movimento.



Histórico de resistência e luta na greve da Fafen-PR

O histórico dos petroquímicos da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados (Fafen-PR), em Araucária, é repleto de resistência contra os ataques aos direitos e ao projeto de privatização da Petrobrás.

Mesmo com a intensa mobilização da categoria, em 1993 a unidade foi entregue à iniciativa privada e passou 20 anos nessa situação, trazendo prejuízos aos trabalhadores e à sociedade. Em 2013, a unidade voltou ao sistema Petrobrás e, em 2015, a categoria se uniu novamente para lutar contra o projeto de desinvestimento e sucateamento da estatal.

Com a deflagração de greve aprovada pela base, em 1º



de novembro, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Petroquímicas no Estado do Paraná (Sindiquímica-PR) iniciou o movimento grevista na Fafen-PR.

Mesmo com ameaças e pressão da gerência – com envio de cartas, realização de telefonemas e imposição de tratamento discriminatório

aos sindicalistas e grevistas –, os trabalhadores se mantiveram mobilizados e fizeram com que a Fábrica fosse a primeira unidade a parar 100% a produção – um impacto decerca de R\$ 2 milhões por dia de paralização.

Ao ver a força da greve, a direção da empresa

buscou frear o movimento com interdito proibitório, estipulando multa diária de R\$ 100 mil ao Sindicato. Mas, a partir do diálogo, a categoria continuou parada, com adesão de quase todos os trabalhadores da operação e da manutenção e grande parte do administrativo.

Após mais 13 dias de greve, petroleiros de todo o país defenderam os petroquímicos de Araucária, colocando sua isonomia no Acordo Coletivo de Trabalho (ACT) como condição para suspender o movimento.

Os trabalhadores continuarão no espírito de união e força para manter a Petrobrás como patrimônio nacional.



A peleia foi braba, tchê!

No RS, quando uma briga é acirrada, costumamos falar que a "peleia foi braba". E foi o que

aconteceu por aqui. Nestes 13 dias de greve, os trabalhadores resistiram fortemente às ações abusivas da gestão da empresa. Há 20 anos não víamos por aqui uma união tão forte entre a categoria, com uma adesão intensa. A mobilização contou com a participação dos petroleiros da Refap, Terig, Tedut, Tenit e UTE. Motivados pelo descaso da alta cúpula da Petrobrás em discutir a nossa pauta, os gaúchos aderiram em massa o movimento e, dia após dia, mais "peleadores" se uniam nessa batalha.

Desrespeito e insegurança foram as palavras de ordem da gestão da empresa. Na refinaria, trabalhadores foram mantidos em cárcere



privado, sobrejornadas e sob pressão, enquanto que na Termelétrica terceirizados substituíram os grevistas. O Sindicato e a Comissão dos Direitos Humanos da Assembleia Legislativa foram impedidos de acessar livremente as dependências da Refap. Medidas judiciais foram tomadas para libertar os petroleiros presos e para

que a companhia cumprisse a lei de greve.

Para os gaúchos essa greve ficará marcada pela grande adesão e engajamento da categoria. A auto-organização dos grevistas compondo os piquetes, elaborando e distribuindo materiais de conscientização para a população e trabalhando no convencimento dos

não grevistas, fortaleceu o sentimento de coletividade e reacendeu o orgulho petroleiro.

E, na história, ficará a marca dos que participaram da greve de 2015, construída por mulheres e homens, da ativa e aposentados, lutando pelo Brasil, na defesa de uma Petrobrás mais forte e integrada.

A mobilização nas redes sociais

#partiugreve



Atuante nas redes sociais e diretor do Sindipetro-NF, Tadeu Porto, 29 anos, é um representante nato da nova geração de petroleiros que usam diariamente a internet como meio de comunicação, debates e militância. "A alta conectividade ajudou bastante no sucesso dessa greve", destaca Tadeu no artigo abaixo, que fala sobre o papel mobilizador das redes sociais.

"Ei, tenho espaço no carro para o piquete amanhã".

"Estou dentro!"

"Opa, me inclui nessa. Passa aqui na praça?"

"Não vou poder ir amanhã... #chatiada"

Assim era um dia normal da maior greve recente dos petroleiros e petroleiras do Brasil. Não só o desejo de se fazer um movimento revolucionário, que teve como o cerne as preocupações sociais da categoria, mas também a alta conectividade ajudou bastante no sucesso dessa greve que, já no seu nascedouro, frequenta as páginas de história dos movimentos classistas nacionais.

A juventude trabalhou, e muito, nesse movimento paradiasta! O vigor das ocupações, que pautaram o preço internacional do barril de petróleo, a força dos movimentos, que culminaram em prisões de jovens lideranças e o sucesso dos piquetes foram só uma mostra do que a categoria petroleira é capaz, com ou sem experiências de greve.

E não foi só nas ações!



O método também foi importantíssimo para a consciência de classe de toda trabalhadora ou trabalhador envolvido no movimento. Antenados com a "zueira" (que é sabido não ter limites) a internet ajudou a galera grevista a disseminar, em alta velocidade e em grande volume, "memes" que passavam recados diários sobre a importância da greve e de ser capaz de seguir escolhas coletivas!

Essa foi a greve do social! A greve onde uma classe levantou a mão para lutar não só pelos seus direitos, mas pelos anseios de toda a nação... E isso não seria possível se a batalha da comunicação não fosse levada a sério!

Parabéns juventude petroleira!

Fez do "Face", do "Zap" e das opiniões, armas imbatíveis para a maior greve da história contemporânea da Petrobrás!

#orgulhodajuventude

#zueriapetroleira

#tmjgrevistas.





Edição Especial da Federação Única dos Petroleiros - Dezembro/2015

Av. Rio Branco, 133/21º andar, Centro, Rio de Janeiro -
(21) 3852-5002

E-mail: imprensa@fup.org.br www.fup.org.br

Facebook: Federação Única dos Petroleiros

Twitter: @FUP_Brasil

Edição e concepção:

Alessandra Murteira - Mtb 16763

Projeto gráfico e diagramação:

Cláudio Camillo - Mtb 20478

Textos e fotos: FUP, Sindipetro-AM, Sindipetro-CE/
PI, Sindipetro-RN, Sindipetro-PE/PB, Sindipetro-BA,
Sindipetro-ES, Sindipetro-MG, Sindipetro-Duque
de Caxias, Sindipetro-NF, Sindipetro Unificado SP,
Sindipetro-PR/SC, Sindiquímica-PR e Sindipetro-RS

Diretoria Colegiada: Caetano, Chicão, Castellano,
Chico Zé, Dary, Divanilton, Enéias, Leopoldino, Moraes,
Silva, Silvaney, Simão, Ubiraney, Urpia
e Zé Maria

**"Um passo à frente e você não
está mais no mesmo lugar"**

Chico Science

DEFENDER A PETROBRÁS
DEFENDER O BRASIL!

